

TEATRO MUNICIPAL DE FARO 2000-2005, Faro – Portugal

Co-autor Atelier g/f

Cliente Câmara Municipal de Faro

Especialidades Betar, Estudos e Projectos de Estabilidade (fundações e estrutura), JOULE, Projectos, Estudos e Coordenação (instalações eléctricas e segurança), José Galvão Teles (instalações mecânicas), Grade Ribeiro Estudos, Projectos e Consultadoria Lda (águas e esgotos), A. Teixeira, Gás-Engenharia (gás), Estudi Acústic H. Arau (projecto acústico), Marta Byrne (paisagismo)

Fotografia Daniel Malhão

O Teatro Municipal de Faro eleva-se como um volume compacto e introvertido junto à nova entrada da cidade de Faro. O seu volume de pedra de cor terra siena e embasamento em vidro transparente, alternado com painéis de cimento prensado, poisa sobre uma plataforma negra, recortando a sua silhueta num território genérico disperso e descaracterizado. Paralelo ao caminho-de-ferro, único elemento disciplinador da expansão descontrolada desta periferia, o edifício oferece o seu flanco à Ria de Faro, procurando resgatar fragmentos arquitectónicos à sua volta, violentamente cortados da sua razão fundadora - a Horta do Ourives (uma propriedade agrícola do final do Século XVIII, organizada em torno da ermida do Senhor do Bonfim, numa curiosa mistura de arquitectura chã e expressão barroca). A recuperação deste conjunto patrimonial pela Câmara Municipal de Faro permitiu albergar a Orquestra Regional de Faro, assim como o Gabinete da Cidade que, conjuntamente com o novo Teatro, criam um núcleo de actividades culturais e performativas nesta zona periférica da cidade.

Como charneira do novo conjunto, o edifício do teatro estende o seu *podium*-praça ao exterior, possibilitando uma área de grande valência no suporte de actividades lúdicas exteriores. A escala do espaço exterior - espaço público - é a mesma do seu interior, propondo-se a diluição dessa relação entre exterior e interior, sendo o espaço de *foyer* indissociável da praça.

Contendo um auditório com cerca de 800 lugares e um palco cénico, o edifício pode ser interpretado como uma *boîte à merveilles*, que se apaga para fazer brilhar os espectáculos que oferece. Devido ao ruído exterior, o engenheiro acústico Higiní Arau optou por uma sala de espectáculos separada estruturalmente do restante edifício. A sua fundação - composta por centenas de estacas - assenta em discos resilientes para que as vibrações no terreno não sejam transmitidas à estrutura e, por conseguinte, à atmosfera da sala de espectáculos. A sala de espectáculos contém, ainda, um palco com profundidade dupla, em que o espaços posterior serve de sala de ensaios ou de cena, caso seja necessário.

A área destinada aos artistas distribui-se por bolsas que ladeiam a sala de ensaios em dois pisos. Estes núcleos são constituídos por 4 camarins colectivos, camarins individuais e bar de artistas, ao longo dos dois pisos e voltados para um pátio interior. Uma área idêntica repete-se no lado oposto, onde estão situados alguns gabinetes. Todas estas zonas estão, directamente, ligadas ao palco. No piso - 1, encontra-se o sub-palco, a oficina, as áreas técnicas, a sala de dimmers, o depósito de instrumentos e o fosso de orquestra para cerca de 70 músicos.

A área do foyer, onde se situa a entrada do Teatro, serve, também, para distribuir para os restantes espaços: casas de banho públicas (piso -1), as entradas para a plateia da sala de espectáculos e para as régies, salas de tradução simultânea, bengaleiro e bilheteira.

